

Fontana e o Álbum Ilustrado

LUIZ HENRIQUE TORRES









Fontana e o Álbum Ilustrado



- 27 -



CONSELHO EDITORIAL

Alvaro Santos Simões Junior

- Universidade Estadual Paulista - Assis -

António Ventura

Universidade de Lisboa -

Beatriz Weigert

- Universidade de Évora -

Carlos Alexandre Baumgarten

- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul -

Carlos Carranca

- Universidade Lusófona -

Eloisa Helena Capovilla da Luz Ramos

- Universidade do Vale do Rio dos Sinos -

Ernesto Rodrigues

- CLEPUL - Universidade de Lisboa -

Francisco Gonzalo Fernandez Suarez

- Universidade de Santiago de Compostela -

Francisco Topa

- Universidade do Porto -

Isabel Lousada

- Universidade Nova de Lisboa -

João Relvão Caetano

- Cátedra Infante Dom Henrique (CIDH) -

José Eduardo Franco

- CIDH e CLEPUL - Universidade de Lisboa -

Maria Aparecida Ribeiro

- Universidade de Coimbra -

Maria Eunice Moreira

- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul -

Vania Pinheiro Chaves

- CIDH e CLEPUL - Universidade de Lisboa -

Luiz Henrique Torres

Fontana e o Álbum Ilustrado





Biblioteca Rio-Grandense

Lisboa / Rio Grande 2019

DIRETORIA DA CÁTEDRA INFANTE DOM HENRIQUE PARA OS ESTUDOS INSULARES ATLÂNTICOS E A GLOBALIZAÇÃO

Diretor: José Eduardo Franco Diretor-Adjunto: João Relvão Caetano Secretária: Aida Sampaio Lemos Tesoureira: Joana Balsa de Pinho

Vogais: Maurício Marques, Paulo Raimundo e Carlos Carreto

DIRETORIA DA BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE

Presidente: Francisco das Neves Alves Vice-Presidente: Pedro Alberto Távora Brasil Diretor de Acervo: Mauro Póvoas

1º Secretário: Luiz Henrique Torres2º Secretário: Ronaldo Oliveira Gerundo

1º Tesoureiro: Valdir Barroco2º Tesoureiro: Roland Pires Nicola

Ficha Técnica

- Título: Fontana e o Álbum Ilustrado.
- Autor: Luiz Henrique Torres
- Coleção Rio-Grandense, 27
- Composição & Paginação: Marcelo França de Oliveira
- Cátedra Infante Dom Henrique para os Estudos Insulares Atlânticos e a Globalização
- Biblioteca Rio-Grandense
- Lisboa / Rio Grande, Agosto de 2019

ISBN - 978-85-67193-38-0

SUMÁRIO

Amílcar e a	Fan	nília Fontana	••••••	7
•		contextualização		
O Álbum Il	ustı	rado	•••••	41
Referências	Bil	oliográficas	•••••	89

Amílcar e a Família Fontana*

Conforme informações coletadas por GARCIA (2012) Amílcar Fontana nasceu em uma família voltada à divulgação da literatura. Seu pai Carlos Eugênio Fontana nasceu na cidade de Pelotas em 4 de novembro de 1830 e faleceu em Rio Grande, de periencefalite difusa, em 10 de agosto de 1896. Carlos era filho de Lourenço Fontana e Maria Inácia de Britto, e com a eclosão da Revolução Farroupilha (1835), sua família fugiu para o Rio da Prata, possivelmente, devido ao envolvimento com o ideário dos liberais farroupilhas. Carlos Eugênio estudou em Buenos Aires e retornou ao Rio Grande do Sul em 1853, fundando o jornal "El Comercio del Litoral", na cidade de Jaguarão. Alternou sua atuação como funcionário público na Mesa de Rendas de Rio Grande e a sua vocação ao jornalismo e a literatura. Em Rio Grande colaborou nos periódicos "Echo do Sul", "Diário do Rio Grande", "O Artista" e na revista literária "Arcádia". Em 1858 publicou o romance pioneiro na Província do Rio Grande de São Pedro "O Homem Maldito". Na "Arcádia" publicou em 1867, "Apontamentos históricos, topográficos e descritivos da cidade do Rio Grande desde seu descobrimento e fundação até a contemporaneidade de

-

^{*} Luiz Henrique Torres é Professor Titular da Universidade Federal do Rio Grande, Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1997) e realizou Pós-Doutorado na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (2016). Blog: historiaehistoriografiadors.blogspot.com.

sua escrita", uma série de matérias que foram reproduzidas e atualizadas por Amílcar em seu periódico "Rio Grande do Sul: Revista Ilustrada" (1910-1911).

Carlos Eugênio se casou com Ana Júlia e teve cinco filhos entre eles Carlos Eugênio Fontana Junior (nascido em 22 de outubro de 1860) que foi o sócio de Amílcar Eugênio (nascido em 9 de dezembro de 1861) no estúdio fotográfico que mantiveram entre 1877 até 1882. A partir desta data, surge o Ateliê Amílcar Fontana que perdurou até aproximadamente 1920. A vida pessoal de Amílcar não está documentada (informações vagas no *FamilySearch*) ficando apenas o registro de que casou-se com Hermance Ferreira em 12 outubro de 1889 sem informações sobre filhos. A data da morte de Amílcar também é ignorada.

Após a publicação de "Rio Grande do Sul - Revista Ilustrada", no ano seguinte, 1912, Amílcar lança um álbum com fotografias da cidade do Rio Grande e, em 1918, surge uma nova edição deste álbum (fiel a original), mas, com o patrocínio da Livraria Americana. Este álbum, com 87 fotografias e dois mapas da cidade no período de 1865 a 1912, foi a mais importante coletânea fotográfica de paisagens já publicada em Rio Grande.

As fotografias, que serão aqui reproduzidas e comentadas, retratam o patrimônio edificado, os lugares públicos e de trabalho, além de alguns lugares de memória e espaços de rememoração no presente.

A versão consultada de 1912 tem o autógrafo e dedicatória do Engenheiro Fernando Duprat da Silva que projetou vários prédios na cidade inclusive o da Biblioteca Rio-Grandense instituição em que foi presidente.

Descrição e contextualização histórica das fotografias

A publicação "Álbum Ilustrado" é dividida em "Aspectos Antigos" e "Aspectos Modernos". Entre os "Aspectos Antigos", estão fotografias do período de 1865 a 1875 que não são de autoria de Amílcar Fontana, pois, este e seu irmão iniciam as atividades em 1877. Fontana teve acesso a estes clichês, mas, não citou o nome dos fotógrafos responsáveis. Estes "Aspectos Antigos" tem menos a ver com a antiguidade e mais com as modificações urbanas ocorridas na urbe: rua sem calçamento (Aspecto Antigo) e a mesma rua com calçamento e aformoseamentos (Aspecto Moderno) buscando um princípio evolutivo de que a cidade está ligada ao progresso de sua estrutura viária e arquitetônica. O período de crescimento vegetativo e de intensificação da migração devido ao incremento das atividades fabris, caracteriza uma época de expectativas na projeção da localidade no cenário nacional. Obras de bondes urbanos movidos a eletricidade, fornecimento de água a domicílio (penas), obras de esgoto (1917) e aformoseamentos nos espaços públicos, buscavam evidenciar a pujança da localidade em meio a inúmeros problemas relativos à baixa renda do operariado, a precária infraestrutura habitacional, a carência alimentar e as altas taxas de mortalidade infantil. As duas décadas seguintes, começam a inverter estas expectativas otimistas pois a crise no comércio de exportação e importação reduzirá a arrecadação municipal e a inversão em obras aliada as crises dos setores fabris que sofrerão forte concorrência do eixo São Paulo-Rio de Janeiro. Porém, no

período da publicação de Amílcar a expectativa do comércio de exportação e importação era positiva e a industrialização se voltava aos "mercados nacional e externo, como nos casos da indústria de pescado, conserva de frutas e legumes, arroz beneficiado, óleos vegetais e carne bovina (ARAÚJO, 2002:13).

A exposição metodológica que será aqui implementada, se volta, inicialmente, a comentar cada fotografia situando-a em seu contexto histórico e urbano. Ou seja, buscar a relevância daquele objeto retratado na imagem para a formação histórica da cidade em determinada temporalidade. A análise das fotografias é feita em numeração crescente (dividida em "Aspecto Antigo" e "Aspecto Moderno") e cada texto trará o número da página em que a fotografia está reproduzida. Assim, o leitor poderá rapidamente relacionar a análise do objeto específico com a imagem fotográfica.

Fontana reproduziu 20 imagens na categoria de "Aspectos Antigos" e 69 imagens na categoria de "Aspectos Modernos". Foram 87 fotografias e 2 plantas urbanas reproduzidas em seu livro "Álbum Ilustrado da Cidade do Rio Grande".

Aspectos Antigos:

1)"Mapa urbano da cidade do Rio Grande em 1872" (p.46).

Desde os primórdios da ocupação na década de 1730, a cartografia portuguesa, espanhola e inglesa, documentou a Barra do Rio Grande (calado e mobilidade dos bancos de areia) e por vezes o crescimento urbano. Em 1872 a cidade alcançava uma população de cerca de 17 mil habitantes e o ritmo de crescimento se intensificaria exigindo novas áreas para a construção civil. Planta urbana desenhada pelo engenheiro Lopo Netto identificando a cidade antiga (dentro

dos muros), a linha de trincheiras, a cidade extra-muros com o Cemitério inaugurado em 1855, a estrutura da Hidráulica Rio-Grandense ainda sendo edificada. Nos anos seguintes, ocorrerá o rompimento desta linha de proteção militar e o crescimento da cidade será projetado num crescendo para está área extra-muros.

2) "Pontal da Barra do Rio Grande do Sul" (p. 46).

Localizado na parte norte da Barra, área que desde 1832 faz parte do município de São José do Norte, o Pontal sediou desde os primórdios da ocupação em 1737, as primeiras iniciativas que levariam a criação da Praticagem da Barra do Rio Grande. O "Farol da Atalaia" (1820) e o "Farol da Barra" (1852) são dois marcos estruturais que sobreviveram até o presente. A praticagem era e permanece a responsável pela segurança da navegação na circulação de embarcações ao perigoso canal de acesso ao complexo portuário do Rio Grande. No período desta fotografia, o espaço portuário ainda se restringia apenas ao Porto Velho do Rio Grande e ao cais de espera das embarcações em São José do Norte.

3) "As trincheiras parte Norte. Fortificações construídas em 1853 e demolidas em 1880" (p. 47).

A rara fotografia foi obtida da extremidade das Trincheiras junto às águas da Lagoa dos Patos (lado oposto ao da extremidade junto ao Saco da Mangueira). Esta defesa militar constituída por muros fortificados que mantinham a cidade protegida de um ataque externo, começou a ser demolida em 1880, com o objetivo de formação do Bairro Cidade Nova. Porém, sua construção é mais antiga. Sua primeira construção ocorreu na segunda metade da década

de 1820 e reconstruções nas décadas de 1830, 1840, 1850 e em 1865, quando do contexto da Guerra do Paraguai.

4) "Antigo edifício onde foi instalada a Alfândega do Rio Grande" (p. 47).

Prédio inaugurado em 1827 e que tinha sua frente voltada para a atual Praça Xavier Ferreira. Esta aproximação marcou aquele espaço público que foi por muito tempo chamado de "Praça da Alfândega". A Alfândega foi estabelecida em Rio Grande em 1804 e um longo trapiche existia no Porto Velho, junto a atual rua Riachuelo, para o desembarque dos produtos a serem inspecionados. A demolição ocorreu na década de 1870.

5) "Parte da antiga rua da Praia, frente a Igreja do Carmo, hoje rua Marechal Floriano" (p. 48).

A Rua da Praia foi o logradouro que sediou a maioria das casas comerciais da cidade. A Igreja do Carmo, inaugurada em 1809, se localizava na esquina da Rua da Praia com o Beco do Carmo. Este Beco é atualmente chamado de Rua Benjamin Constant. A Igreja ocupava a parte central da rua e foi demolida entre 1928 e 1929 para permitir a circulação de veículos. Uma nova Igreja, em estilo gótico, foi erguida a poucos metros do local da antiga. Na fotografia, à esquerda é visível as grades do recuo da Igreja do Carmo (esquinas do Beco do Carmo com a Rua da Praia), com o Casarão do Rasgado ao fundo e também árvores da Praça da Alfândega (atual Xavier Ferreira). Fotografia de 1865, primórdios da Guerra do Paraguai, em período próximo a visita de D. Pedro II.

6) "Antiga Rua da Praia, aspectos dos festejos da Guerra do Paraguai" (p. 48).

O longo conflito que foi a Guerra do Paraguai ou Guerra da Tríplice Aliança teve início em dezembro de 1864. Militarmente, o Paraguai estava derrotado desde a tomada de Assunción há 5 de janeiro de 1869. Porém, Solano Lopes escapou ao cerco de sua capital e continuou a Guerra. A pressão política dos países Aliados (Brasil, Argentina e Uruguai) pela retirada das tropas do cenário da Guerra se intensificou a partir de novembro de 1869. Os primeiros batalhões brasileiros começam a deixar o Paraguai em 10 de fevereiro de 1870. Oficialmente, a Guerra foi encerrada com a morte de Solano Lopes em Cerro Corá em 1º de março de 1870. A fotografia dos festejos na Rua Marechal Floriano deve ter sido realizada entre fevereiro e março de 1870. Observa-se a rua da Praia sem calçamento, pessoas caminhando, frades (peças de pedra esculpidas) nas calçadas e bandeiras do Império Brasileiro hasteadas. Fotografia tirada no sentido do Beco do Carmo em direção ao prédio da Alfândega sendo observável o Casarão do Rasgado ao fundo.

7) "O Mercado em construção em frente a Praça General Telles" (p.49).

O Mercado Público do Rio Grande teve sua primeira construção em 1842. A primeva construção foi mantida na parte interna quando da nova construção do novo Mercado entre 1853-1863. Na fotografia, possivelmente de 1865, observa-se o prédio do Mercado em sua fachada para a Praça da Alfândega com oito homens entre os areais posando para o fotógrafo. A importância do Mercado Público como espaço de comércio e de sociabilidades fará com que a praça passe a ser chamada de Praça do Mercado.

8) "Associação Comercial em frente a Praça General Telles" (p. 49).

A Câmara de Comércio da cidade do Rio Grande é a mais antiga do Rio Grande do Sul e a quarta mais antiga do Brasil. O primeiro documento formal que levou a criação da então denominada Praça de Comércio é uma ata da reunião ocorrida no dia 26 de setembro de 1844. Fotografia de 1865 mostrando o prédio da Câmara, embarcações no cais do Porto Velho, vários personagens em frente ao prédio e um trecho da Praça da Alfândega antes dos aformoseamentos recebidos a partir de 1868.

9) "Vista do Porto do Rio Grande antes da construção do Cais e da Alfândega" (p.50).

A fotografia de julho de 1865 preservou uma imagem da regata imperial oferecida a D. Pedro II em sua visita a cidade com destino a frente de combate em Uruguaiana. O casario da Rua da Boa Vista ainda não apresentava o monumental novo prédio da Alfândega. Se destaca a construção de um prédio de três pisos e outro com mirante para observação da chegada e saída de navios pela Barra. O prédio do centro para direita da foto se localiza na atual Rua Ewbank e a na sequência está a Praça da Alfândega e o Mercado Público.

10) "Antiga Rua da Praia, parte dos edifícios da Alfândega e da Cadeia, hoje rua Marechal Floriano" (p. 50).

Fotografia de 1865. com raras evidências patrimoniais. À direita, o prédio da Alfândega em sua fachada para a Rua da Praia. O primeiro prédio à esquerda é a Cadeia Municipal junto a atual Rua dos Andradas. Amílcar, ao fazer as descrições, por já estar afastado em algumas décadas dos eventos, não conseguir uma precisão nas datas, pois, esta cadeia foi desativada por volta de 1855-1856 e foi transferida para a Rua dos Cômoros (atual Silva Paes). Algum festejo está transcorrendo, pois, os prédios estão embandeirados. Inclusive, as laterais da Praça da Alfândega estão com estas flamulas que podem sugerir,

hipoteticamente, a visita do Imperador D. Pedro II em sua viagem a cidade no contexto da Guerra do Paraguai.

11) "Antigo Canalete a rua Barroso e a Estação Marítima" (p. 51).

Continuidade da Rua Riachuelo (antiga Rua da Boa Vista até 1865) no trecho da Rua Marechal Andréa. O prédio à esquerda é o da Estação Marítima (1888) da Estrada de Ferro Rio Grande-Bagé e fica junto ao Porto Velho. A rua à direita é a Almirante Barroso (antes chamada de Rua do Canal). Ao centro, está o Canal que liga a Lagoa dos Patos com o Saco da Mangueira. Canoas por aí circulavam e se observa algumas pontes que permitiam a passagem entre o final da Rua da Praia com o início desta área que era separada do núcleo urbano: a Ilha do Ladino onde foi construído o Porto Novo do Rio Grande entre 1908-1915. Fotografia do final do século XIX.

12)"A Draga 15 de novembro fazendo o aterro no Canalete" (p. 51).

Os jornais da cidade deixaram registrados muitas queixas referentes ao mau cheiro das águas do Canalete e do lançamento de lixo em suas águas. Discussões acirradas defendiam que fosse aterrado ou canalizado. Especialmente, com casos de peste bubônica e de outras doenças, se considerava que às exalações pútridas destas águas, ainda com fundamento na teoria dos miasmas, fosse responsáveis pela proliferação de doenças. Nesta fotografia dos primórdios do século XX, a draga 15 de Novembro está realizando obras no Canalete.

13) "Construção do Cais de pedra em frente à Alfândega" (p. 52).

O Porto Velho era constituído por um cais de paliçada com trapiches em precário estado de conservação ou exigindo restaurações recorrentes. A defesa da construção de um cais de alvenaria, com o crescimento do

comércio de exportação e importação, se intensificou desde a década de 1850 e o governo provincial autorizou as obras que se estenderam entre 1872 e 1876. A Alfândega foi um dos pontos em que tiveram início as obras o que remete, hipoteticamente, a fotografia ao ano de 1872.

14) "Cais de pedra a Rua Riachuelo construído em 1882" (p. 52).

Das maiores reinvindicações dos comerciantes era a edificação de um cais de concreto. Até o final de 1876, a Rua Riachuelo já estava contemplada com um cais que promoveu o aterramento e ampliação de mais um trecho da Lagoa dos Patos. A movimentação portuária teve um ganho considerável e o foco de reinvindicações passará a será o aprofundamento do calado da Barra do Rio Grande possibilitando maior segurança à navegação. Fotografia da década de 1880.

15) "Antigo edifício onde funcionou o Colégio União, hoje a Intendência Municipal" (p.53).

Joaquim José Soares de Faria Marques, nascido no Rio de Janeiro em 1789, mudou o seu nome em 1822 para Joaquim Rasgado, quando já residia em Rio Grande. Rico comerciante casou-se na Vila do Rio Grande em 4 de novembro de 1813. Em 1824, mandou construir um amplo casarão em estilo colonial de dois pavimentos, chamado pela população de *casa nobre*. Um prédio que se destacava frente às poucas construções para moradia particular de grandes dimensões que existiam na localidade naquela época. O destaque obtido por este morador fez com que a rua que passava em frente à residência fosse denominada de Beco do Rasgado. Posteriormente, o prédio foi moradia da família Tigre e após 1886, foi alugado por empresas, inclusive pelo Colégio União. Fotografia da década de 1890. Em 1900, após ampla reforma, passou a sediar a Intendência Municipal.

16) "Aspectos da Cidade Nova, parte Sul, areal" (p.53).

A formação geológica onde foi assentado o núcleo urbano da cidade do Rio Grande é um pontal com cerca de cinco a seis mil anos (quando começa a ocorrer o recuo marinho). A formação de dunas marcou a paisagem e com o processo civilizatório, ocorreu à erosão destas dunas que se deslocavam com os ventos e que trouxeram imensas dificuldades de fixação. Na área em que se edificou a Cidade Nova, se observa na fotografia uma duna de areia que como inúmeras outras, foram sendo aplainadas ou removidas para a edificação de ruas e casas. Muitas dunas apresentam tradições culturais indígenas vestígios de assentamentos na região recuam a mais de cinco mil anos. 17) "Igreja da Venerável Ordem Terceira do Carmo. A criação desta Igreja teve seu princípio em 1800" (p.54).

A construção foi iniciada em 1800 e o templo, com nave única, foi consagrado em 6 de novembro de 1809. Com sua demolição em 1829, o altar foi retiradopara colocação na nova Igreja. Esta foi edificada em estilo gótico ao longo do decênio seguinte e inaugurada em janeiro de 1939.

18) "Igreja da V. O. de São Francisco de Assis. Em virtude do bispo, deu começo a Capela a 8 de fevereiro de 1794" (p. 54).

A Capela de São Francisco é o segundo prédio, ainda existente, mais antigo da cidade. Foi idealizado em 1792 e edificado em 1814 (em estilo barroco colonial português), ficando geminado com o prédio luso-brasileiro mais antigo do Rio Grande do Sul: a Igreja Matriz/Catedral de São Pedro (1755). Em suas primeiras décadas de existência ocorriam, além das atividades litúrgicas, os enterramentos realizados em seu interior (que totalizaram 115 enterramentos). Na década de 1840 a prática dos enterramentos nos templos foi proibida no Brasil surgindo os cemitérios fora do campo santo. Foi em outubro de 1833 que o padre Bernardo Viegas foi assassinado na porta da

Igreja, resultando na ordem do arcebispo do Rio de Janeiro, em protesto ao crime, de uma "porta ser lacrada para sempre". A porta central da igreja permanece trancada até o presente.

19) "A Igreja Matriz sita a Praça Dr. Pio foi colocada a pedra a 25 de agosto de 1754" (p.55).

A construção oficial teve início em 25 de agosto de 1755, com a invocação de São Pedro. A lápide de mármore no frontispício da igreja tem o seguinte texto: "Reinando El Rey D. José e sendo Governador o Capitão General das Capitanias do Rio de Janeiro e Minas Gerais o Ilustríssimo e Excelentíssimo Gomes Freire de Andrade do seu Conselho, M. de Campo General dos seus Exércitos, mandou fazer esta Igreja no tempo que conferiu e executou desta parte, como principal comissário do mesmo Rey e Senhor, a divisão das duas Monarquias. Rio Grande de São Pedro XXV de agosto de MDCCLV".

20) "Hospital Beneficencia Portuguesa. Esta Associação foi instituída em 1856" (p. 55).

Seu surgimento se deu na condição de uma filial do Hospital em Porto Alegre, mas, emancipou-se em 1857. A primeira casa em que funcionou foi comprada em 1861. Um amplo edifício para o hospital teve a sua pedra fundamental colocada em 1° de dezembro de 1867. O Barão de São José do Norte foi o responsável pela construção da capela. No final do século XIX o prédio foi reconstruído em estilo arquitetônico gótico e atualmente é mais uma das estruturas parcialmente abandonadas no centro da cidade, nas imediações da Praça Tamandaré.

Aspecto Moderno:

1) "Planta da Cidade do Rio Grande" (p. 56).

A planta de 1904 é a mais detalhada feita até aquele ano. O avanço em direção a Cidade Nova é perceptível e a Ilha do Ladino ainda se faz presente no cenário. A partir de 1908, aquele espaço foi utilizado para construção do Porto Novo pela Companhia Francesa sendo amplamente remodelado. A planta de 1926 mostrará um cenário contínuo entre o centro da cidade e a extinta Ilha do Ladino.

2) "Panorama da Cidade, parte do Sul" (p. 56).

A vista em primeiro plano é o Mercado Público, o entreposto de venda de pescado e o Rincão da Cebola. Esta fotografia obtida da torre da Alfândega por volta de 1910 permite identificar ao fundo o prédio da Santa Casa e também a Fábrica Leal, Santos & Cia. Nas décadas seguintes, a cidade teve um crescimento intenso na direção do Sul com a ocupação da Cidade Nova (e da Avenida Portugal até o seu limite com a rua 15 de Novembro).

3) "Vista do Porto do Rio Grande (ancoradouro)" (p.57).

Fotografia de um trecho extenso do Porto Velho do Rio Grande, estrutura portuária que recua ao século XVIII e em cujo entorno, a cidade começou o seu crescimento urbano.

4) "Alfândega, vista do mar" (p.57).

O prédio da Alfândega se destaca no cenário dos casarios e esta vista foi repetida inúmeras vezes por pintores ou fotógrafos. O Porto Velho e seus sobrados de comércio e residência, o fluxo intermitente de embarcações para carga e descarga. O sentido histórico da cidade se voltou ao ecossistema costeiro e marítimo e o Porto é a essência para entender os processos históricos locais.

5) "Rua Riachuelo, o seu nome é em memória do grande feito de nossa armada, a 11 de junho de 1865" (p.58).

Em decorrência da vitória brasileira no combate naval de Riachuelo a Rua da Boa Vista recebe a denominação de Rua Riachuelo. O mesmo ocorre com a Rua do Canal que passa a se chamar de Rua Barroso em homenagem ao comandante da força naval brasileira naquele combate, o Almirante Barroso, o qual liderou a vitória contra as forças paraguaias.

6) "Rua Riachuelo, parte marítima" (p.58).

Final da Rua Riachuelo próximo a Estação Marítima. O prédio da Estação terminou de ser demolido nos primórdios dos anos 1990.

7) "Alfândega, vista do mar, construída em 1879" (p.59).

As obras na Alfandega do Rio Grande, apoiadas por D. Pedro II, visavam construir um prédio monumental e compatível com o crescimento econômico do comércio internacional via Porto do Rio Grande. As obras se estenderam entre 1874 e 1879, compondo a partir de sua inauguração, um dos principais cartões-postais do centro urbano.

8) "Doca, Mercado, visto do mar" (p.59).

A função econômica e social do Mercado Público se manteve por mais de um século, consistindo num centro de compras de produtos hortifrutigranjeiros e de produtos regionais, nacionais e internacionais. Desde o vinho do porto, bacalhau, azeite de oliva ou queijos franceses, até um vinho popular da Ilha dos Marinheiros, o Mercado se consolidou como um espaço de sociabilidade essencial para a comunidade local.

9) "Capitania do Porto. Por Imperial Decreto de 19 de maio de 1846 foi criada a Capitania desta cidade, sendo o primeiro Capitão do Porto, o Sr. Capitão-Tenente Francisco J. de Mello" (p.60).

A criação das Capitanias dos Portos no Brasil remonta aos idos de 1845, quando o Imperador D. Pedro II, através do Decreto Imperial nº 358, de 14 de agosto daquele ano, autorizou o governo a estabelecer uma Capitania dos Portos em cada província marítima do Império. A regulamentação do decreto anterior foi efetivada pelo Decreto nº 447, de 19 de maio de 1846, que criou diversas

capitanias ao largo da costa brasileira, entre elas a Capitania dos Portos da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, na cidade do Rio Grande. A Capitania iniciou suas atividades em 1847, instalada no Arsenal de Marinha, junto ao terreno da Alfândega. Em 1859 a Capitania foi transferida para a Ponta da Macega, onde atualmente está localizado o Comando do 5º Distrito Naval.

10) "Quartel dos Aprendizes Marinheiros" (p.60).

Em termos de Brasil, a criação da Companhia de Aprendizes se deu pela lei 148, de 27 de agosto de 1840 que mandava abrigar uma quantidade expressiva de jovens, ficando subordinada, a Companhia, ao Corpo de Imperiais Marinheiros. Essa lei alterou a estruturação da Armada do Brasil, sendo necessária a construção de um prédio fixo onde pudesse haver melhor formação teórica ao Aprendiz. O Decreto Imperial de 1861, despachado por ordem do Imperador, mandava criar a Companhia de Aprendizes-Marinheiros de Rio Grande para formar os futuros homens do mar, tendo seu primeiro comandante o Primeiro-Tenente Ricardo Greenhalgh.

11) "Gazometro Municipal – Macega. Foi inaugurada a 10 de fevereiro de 1878" (p.61).

Localizado na Ilha do Ladino, o gazometro municipal fornecia gás encanado para a iluminação das ruas e residências que contratassem o sistema de fornecimento. As obras de instalação foram executadas por empresa inglesa que transformou o centro da cidade num canteiro de obras.

12) "Santa Casa de Misericórdia. Foi iniciado em 1806, pelo vigário Francisco Ignácio da Silva. O Sr. Rodrigo F. Duarte, sustentou até 15 de maio de 1835" (p.61).

Alguns moradores da cidade se reuniram em 18 de novembro de 1831 para discutir a criação de uma Sociedade

de Beneficência voltada ao atendimento de doentes, órfãos, filhos de pais pobres, presos e mulheres sem vínculos familiares. A Sociedade Beneficência é instalada em 20 de novembro de 1831 com a participação de 75 cidadãos, entre eles, Francisco Xavier Ferreira, grande incentivador.

A Sociedade de Beneficência, conforme proposta de Rodrigo Fernandes Duarte passa a ser uma Irmandade do Espírito Santo e Caridade, seguindo uma orientação da Santa Casa de tradição em Portugal. No dia 8 de março de 1835 é adquirido um sobrado na atual Rua Coronel Sampaio onde posteriormente, foi erguido o primeiro Hospital da Caridade. A Irmandade na década de 1840 passou a administrar os Expostos, recém-nascidos que eram colocados na roda do hospital para receber os cuidados. Em 1843 a Irmandade é responsável pelo Cemitério do Bom Fim e no ano de 1855 tem início os enterramentos no Cemitério Extra-Muros mantido até o presente. Em 2 de maio de 1841, a Irmandade passa a se chamar Santa Casa de Misericórdia e em 1909 ocorre outra alteração no nome: Associação de Caridade Santa Casa do Rio Grande.

13) "Intendência Municipal. Sala das sessões do Conselho Municipal" (p. 62).

A República Brasileira nasceu com inspiração no positivismo comteano e na devoção patriótica a personagens edificadores do processo civilizatório. A sala de sessões do Conselho Municipal está repleta de imagens relacionadas a personagens da independência do Brasil e de precursores (movimentos nativistas) que lutaram em prol da Independência. Quadros e bustos são perceptíveis assim como seguidores do positivismo como é o caso de Benjamin Constant.

14) "Funcionários municipais" (p.62).

Fotografia com funcionários públicos municipais e com o intendente Juvenal Muller que faleceu, por problema de saúde, no exercício do cargo no ano de 1909.

15) "Rua General Osório, edifícios do Correio e Praça do Comércio" (p.63).

O prédio da Praça do Comércio remete sua construção a meados do século XIX e persistiu no cenário urbano, em ruínas, até a década de 1930. Em seu local foi construído o prédio atual da Câmara do Comércio.

16) "Intendência Municipal. Foi elevado o Rio Grande a categoria de Vila a 27 de abril de 1810. A instalação da municipalidade foi a 12 de fevereiro de 1811 e por Decreto de 27 de junho de 1835, elevou-a a categoria de cidade" (p. 63).

Rio Grande é a primeira Vila do Rio Grande do Sul, criada em 1747 e instalada em 16 de dezembro de 1751. A referência do texto remete a segunda criação de vilamentos no Rio Grande do Sul com a criação dos quatro municípios: Rio Grande (segunda criação), Porto Alegre, Santo Antônio da Patrulha e Rio Pardo. A cidade do Rio Grande foi elevada a esta categoria em 27 de junho de 1835, simultaneamente com a cidade de Pelotas.

17) "Rua Marechal Floriano. Tirado por ocasião da Batalha de Flores realizada em honra a canhoneira portuguesa Pátria" (p. 64).

A fotografia flagrou a "Batalha das Flores" na Rua Marechal Floriano em novembro de 1905. Foi uma das atividades comemorativas da visita da Canhoneira portuguesa "Pátria" ao Brasil. Em Rio Grande, a recepção se revestiu de entusiasmo que levou ao aformoseamento das ruas da cidade para receber os mais de cem visitantes (tripulação da canhoneira comandada pelo capitão-tenente Antônio Alfredo da Silva Ribeiro). A programação incluiu um banquete no Teatro 7 de Setembro, missa campal, visita

a Ilha dos Marinheiros, regata, futebol, teatro etc. A visita da canhoneira foi organizada pela Marinha Portuguesa como agradecimento à colônia portuguesa no Brasil que se cotizou para obter recursos para a construção deste navio de guerra.

18) "Praça General Telles. Batalha de Flores realizada em honra a canhoneira portuguesa Pátria em 1905" (p.64).

A "Batalha das Flores" é uma tradição do carnaval de Nice, na França, desde 1876. Em 1888, em Petrópolis, foi realizada a primeira festa no Brasil. Na cidade do Rio de Janeiro os primeiros registros recuam a 1903. Na "Batalha das Flores" as carruagens eram decoradas e flores e pétalas eram jogadas entre os participantes e também no público, numa simulação de uma batalha sem armas e apenas voltada ao lúdico e a diversão.

19) "Biblioteca Rio-Grandense. Esta Associação foi fundada a 15 de agosto de 1864" (p.65).

Inicialmente, se destaca o erro de colocação dos "tipos" (hoje "digitação") no ano de fundação que é 1846 e não 1864.

A Biblioteca Rio-Grandense foi fundada em 15 de agosto de 1846 e teve por primeira denominação "Gabinete de Leitura". O objetivo principal era possibilitar aos interessados o acesso aos livros a fim de despertar e difundir a leitura e o cultivo das letras. Nascia no Rio Grande do Sul as sociedades voltadas à criação de bibliotecas em que a população pudesse ter acesso aos livros que eram relativamente inacessíveis devido aos altos custos. Seu idealizador mais destacado foi o comerciante e guarda-livros oriundo de Portugal João Barbosa Coelho que foi o seu primeiro presidente. No dia 23 de setembro de 1846 foi eleita a primeira diretoria e a primeira sede foi instalada na rua do Arsenal (atual rua Ewbank). Em 1878 passou a denominar-se Biblioteca Rio-Grandense.

20) "Interior da Biblioteca. Possui, atualmente, nas suas estantes 38.000 volumes" (p. 65).

A fotografia perpetuou alguns membros da Diretoria e o texto afirma que em 1912, o acervo é de 38.000 volumes. Atualmente, são 480.000 volumes e um considerável número de obras raras. A importância da Biblioteca para comunidade, além da consulta de material bibliográfico e preservação de acervos, esteve no apoio ao oferecimento de cursos voltados a educação formal. O Ensino Superior na cidade do Rio Grande nasceu em 1956 e o seu primeiro curso foi lecionado - nos primeiros anos - no segundo piso da Biblioteca.

21) "Asilo do Coração de Maria. Fundado em 1860" (p.66).

Miguel de Sá é o idealizador de um asilo para órfãs desvalidas que foi denominado de "Asilo do Coração de Maria". O prédio próprio se localizava na Praça 7 de Setembro existindo em 1912, 17 órfãs e suas diretoras eram as madres do Coração de Maria. Na década de 1920 um incêndio destruiu o prédio. Em 1950 foi inaugurado, em outro local, um novo e amplo prédio que continua atuante como educandário até o presente.

22) "Enfermaria Militar" (p.66).

A Enfermaria Militar já estava estabelecida na Rua Yatahy (nome dado em homenagem ao combate entre forças paraguaias e argentinas em 1865, nos primórdios da Guerra do Paraguai) durante este conflito em que a cidade do Rio Grande terá um papel relevante. O Dr. Pio Ângelo da Silva tornou-se diretor da Enfermaria Militar do Rio Grande ao longo de toda a Guerra. Esta rua é atualmente denominada de Dr. Nascimento e o prédio foi demolido.

23) "Palacete, Quartel-General. Em frente a Praça General Telles" (p. 67).

O Quartel-General remonta a 1892. O Major Eng^o Antonio Gomes da Silva Chaves projetou e foi o responsável pela construção que foi iniciada em 1892 e concluída em 1894. O prédio foi sede do Comando do 6º Distrito Militar e, em 17 de agosto de 1906, ali ocorreu à reunião onde foi acertado os termos do contrato para a abertura da Barra do Rio Grande. Fizeram-se presentes o vice-presidente da República Afonso Pena e o governador do Estado do Rio Grande do Sul Antonio Augusto Borges de Medeiros

24) "Interior. Sala das recepções" (p. 67).

A importância militar da cidade era de grande relevância, inclusive o prédio foi bombardeado (1894) durante a Revolução Federalista por navios da Marinha que se rebelaram e iniciaram a Revolta da Armada. A resistência das tropas de terra foi essencial para a manutenção da localidade sob o controle dos republicanos ligados a Floriano Peixoto. As escaiolas foram uma das características do interior do prédio que apresentava um acabamento sofisticado em seu interior e um estilo eclético em sua fachada. Atualmente, o prédio é ocupado pela Prefeitura Municipal do Rio Grande.

25) "União Constant, erguido à rua Uruguaiana" (p.68).

A cidade possuía quatro sociedades maçônicas. A União Constant se localizava na Rua Uruguaiana (atual Silva Paes) e ainda se mantém no mesmo endereço. O templo, desde sua base até a cúpula, da mobília aos lustres, conserva a ordem da arquitetura gótica. O templo foi inaugurado em janeiro de 1875.

26) "Interior do Templo" (p. 68).

Os altares do secretario e orador, aos lados do Venerável, constituem obra de gosto refinado. Junto aos altares dos vigilantes erguem-se duas colunas coríntias que por capitel tem as três romãs. O solo do templo e toda a sua extensão é feito de ladrilhos de mármore branco e preto. O

conjunto, em sua época, era considerado como um dos mais requintados templos maçônicos do país.

27) "Banco da Província (fundado em 1858)" (p.69).

Fundado em Porto Alegre, se estabeleceu em Rio Grande na década de 1890. A sede deste banco, localizado na esquina das ruas Marechal Floriano com Benjamin Constant, se destacava por ser uma das arquiteturas mais arrojadas da cidade. Posteriormente, a Fábrica de Charutos Poock passa a utilizar o prédio para parte de suas atividades administrativas. Foi demolido para construção de um prédio residencial na década de 1970.

28) "Cabo submarino. Inaugurado a 12 de março de 1887" (p.69).

A rede telegráfica do Rio Grande do Sul era a mais extensa e a com o maior número de estações do Brasil. Entre as 35 estações as linhas totalizavam 2.380 quilômetros. A rede telegráfica do Estado ligava Jaguarão com o Uruguai, deste com a Argentina e em Rio Grande a ligação era completada pelo Cabo Submarino. Em média, em 1912, eram recebidos e transmitidos 100 telegramas diários.

29) "Loja Maçônica Acácia Rio-Grandense" (p.70).

Fundada em 19 de setembro de 1867. O prédio sede foi construído entre 1870-74 com a fachada edificada em estilo neoclássico. As três esculturas do frontão foram trazidas da cidade do Porto em fevereiro de 1874 e simbolizam a Esperança, a Caridade e a Fé.

30) "União Operária. Fundada a 13 de dezembro de 1893" (p.70).

A Sociedade União Operária era uma "instituição particular, de caráter internacional, instrutiva, beneficente, recreativa e de luta, pois que visa defender os interesses das classes que representa contra os do patronato" (FONTANA, 1911). Conforme este autor, inaugurou-se oficialmente a 1º de maio de 1894, com a primeira manifestação de caráter

socialista que se fez no Rio Grande. Em1899, contava aproximadamente 1.000 associados sendo proprietária do "edifício vasto e cômodo que a fotografia representa e varais dependências no mesmo terreno, além de uma quadra de terreno próximo aos comoros de areia". Mantém colégio diurno para ambos os sexos, frequentados pelos filhos dos associados com número superior a 100, diariamente, ensinando-se trabalhos de agulhas as alunas. Finalmente a União Operária é uma das associações locais que "goza de geral estima e que muito tem contribuído para o engrandecimento moral e material do Rio Grande" (FONTANA, 1911: 159).

31) "Associação dos Empregados do Comércio" (p.71).

Esta associação construiu um prédio de dois pisos num dos pontos mais valorizados da cidade que é a esquina das Ruas Duque de Caxias com a Marechal Floriano. A construção foi feita por volta de 1905 e é um indicador do potencial do comércio de exportação, nas duas primeiras décadas do século XX, na economia local.

32) "Sociedade Italiana "Mutua Cooperazione" (p.71).

Imigrantes italianos começam a chegar ao Rio Grande do Sul a partir de meados da década de 1870. Cruzam pela cidade do Rio Grande a caminho de suas terras na Serra Gaúcha. Porém, nas cidades maiores da Província, italianos ligados ao comércio ou artesanato buscam se radicar. Rio Grande, enquanto cidade industrial, é um centro de atração para aqueles que tiveram alguma experiência como operários. Esta Sociedade buscou congregar a comunidade italiana e construiu uma sede que até hoje resiste no cenário urbano: é ocupada pela Banda Musical Gioacchino Rossini a qual foi fundada em 30 de novembro de 1890.

33) "Igreja de N. S. da Conceição" (p. 72).

Localizada na Praça Sete de Setembro, a Igreja foi construída em estilo neogótico, variante neomanuelino, tendo início em 1872 e tendo finalizado o altar em 1874. Entre 1888 e 1890 ocorreu a ampliação com as naves principal e laterais finalizadas. Uma das imagens de destaque é de Nossa Senhora da Conceição que foi esculpida em Braga, Portugal, sendo em madeira de roca e vestes com bordados a ouro.

34) "Hospital do Carmo" (p.72).

A Ordem do Carmo foi instituída em Rio Grande no ano de 1777. A vocação inicial era feita na Igreja de São Pedro e em 1809 foi construído a Igreja do Carmo. Na década de 1880, foi edificado o Hospital do Carmo que perdurou até o final do século XIX. O prédio em estilo neogótico foi demolido para a construção do Colégio Juvenal Muller.

35) "Hospital Beneficência Portuguesa" (p. 73).

Na fotografia de Amílcar Fontana a fachada do prédio do Hospital Beneficência já apresenta o seu estilo arquitetônico modificado para o neogótico.

36) "Asilo dos Pobres. Fundada a 27 de dezembro de 1885" (p. 73).

Fundado em 27 de dezembro de 1885 em sessão dirigida por Arnaldo José Pereira, a criação do "Asilo dos Pobres" teve a participação decisiva do comendador Antonio Costa Correia Leite e do comendador Carlos Rheingantz. O prédio, do início do século XX, está localizado na Rua 24 de Maio. A associação foi revitalizada, nos últimos anos, e se mantém muito atuante no atendimento de idosos. 37) "Polytheama, a Rua Andradas" (p.74).

O Teatro Polytheama, em madeira, teve sua origem na Praça General Telles e seu proprietário era Albano Pereira. Este senhor português, constrói um prédio em alvenaria e de maiores dimensões na Rua dos Andradas.

38) "Interior, sua capacidade é de 1.600 pessoas" (p.74).

Em 1912, o novo proprietário era Antonio Marques Oliveira Rey e apresentava espetáculos variados: companhias equestres, ginástica, companhias dramáticas, óperas e operetas. Sessões de cinema e bailes completavam as atrações desta casa de espetáculos popular que se estendeu até meados dos anos 1950 quando o prédio foi demolido para ceder espaço a expansão do Colégio Joana D'arc.

39) "Parte do lago da Praça Tamandaré e Igreja do Salvador" (p.75).

A Paróquia do Salvador foi criada em outubro de 1891 por missionários vindos do Seminário da Virgínia, membros da Igreja Episcopal Anglicana dos Estados Unidos (EUA). Até o ano de 1899, os cultos e reuniões eram realizados em uma capela de tábuas que fora adquirida da Igreja Presbiteriana, quando então começou a ser construída a atual Igreja do Salvador. O terreno onde hoje está localizada a Igreja do Salvador, foi negociado em 28 de março de 1899, ao preço de 1 conto, seiscentos e setenta mil réis, medindo 29,40 metros pela rua General Vitorino e 42,24 metros, pela General Neto. A Igreja foi inaugurada em 8 de agosto de 1901.

O prédio se destaca pela grandeza arquitetônica de estilo neogótico inglês, tendo a planta baixa em formato de cruz latina. A entrada principal é marcada por uma grande torre e um quadro de azulejos portuguêses intitulado "Cristo sobre as águas".

40) "Praça Tamandaré em construção" (p.76).

Fotografia de 1895 ou 1896 com as obras na Praça Tamandaré que lhe deram a morfologia atual. O lago foi construído neste período e foi inclusive utilizado para passeios com pequenas embarcações. O local era utilizado, desde a segunda metade do século XVIII, para coleta de água

e poços foram construídos pela municipalidade para abastecer a população. O chafariz francês foi instalado em 1876 e neste local a água era vendida.

41) "Praça Tamandaré" (p.76).

A Praça em seu melhor momento e de um ângulo que foi utilizado em cartões-postais do período 1900-1920. Em destaque o lago e a área verde. Área almejada e que se valorizou com o desenvolvimento da cidade, a praça Tamandaré começou a receber uma atenção mais destacada a partir de 1895, através de projetos de melhoramento que se estendem até o ano seguinte. O projeto previu a construção de chalé, plantação de mudas de árvores, ajardinamento, construção de lagos e ilhotas. Em 1896 nestes lagos faltava somente a colocação do revestimento de fundo composto por barro oriundo de Pelotas.

42) "Praça Tamandaré em construção" (p.77).

Na fotografia de Amílcar Fontana é documentada as obras na Praça Tamandaré, as quais eram defendidas pela população junto à Câmara de Vereadores, desde a década de 1850. Estas obras deram a estrutura básica para este espaço que é constitui a maior praça pública de todo o Rio Grande do Sul.

43) "Praça Tamandaré e a Santa Cruz" (p.77).

Na Praça Tamandaré, haviam fontes públicas para coleta de água e lavagem de roupa, erguendo-se no centro desta praça, "uma modesta cruz ali colocada em 1842 pela missão jesuítica a estas plagas". A praça já ostentava a denominação atual de Tamandaré mas mantinha a sua função ligada as fontes públicas ali existentes sem a perspectiva imediata de tornar-se uma praça voltada ao passeio recreativo da população. A presença da Santa Cruz era um fator para visitação pelos católicos (e pode ter sido

um fator para a proposta de construção de uma catedral no local). Ainda hoje, a cruz está presente na praça, mas, em local diferente do original. Na fotografia a cruz está à direita e ao fundo está a fachada do antigo Hospital da Beneficência antes da reforma.

44) "Hidráulica, foi organizada em 1870" (p. 78).

A Companhia Hidráulica Rio-Grandense foi criada em 1870 e tinha por objetivo o fornecimento de água para a cidade do Rio Grande. Em 1876 foi instalado um reservatório em ferro fundido fabricado na Escócia. A água era distribuída por canalização até os quatro chafarizes instalados em praças da cidade e também era fornecida por canalização até a residência dos assinantes.

45) "O Parque e o Balão Granada" (p.78).

No dia 18 de julho de 1909, no Parque Rio-Grandense (atual Parque do Trabalhador) ocorreu a apresentação de uma prova aeróstata pelo português capitão Magalhães Costa. Mais de doze mil pessoas foram assistir a apresentação e foram vendidos 1.600 bilhetes de ingresso a 1\$000. O balão Granada foi sendo preenchido com ar quente, produzido por um forno que foi previamente construído no redondel do jardim. O forte vento atrapalhou a operação e somente às 4 horas da tarde, o Granada subiu e que fez recordar um voo que ocorrera na cidade em 1869. O aeróstato alcançou 783 metros e foi deslocado pelo vento em direção ao Oceano. Magalhães Costa abriu a válvula de escape para provocar a queda e mergulhou no Saco da Mangueira sendo resgatado por embarcações do Clube Regatas do Rio Grande. "Retornando ao Parque, foi aclamado pela multidão sendo-lhe oferecido um copo d'água, no botequim do Parque e trocaram-se vários brindes. Às cinco horas da tarde, começou a debandada para a cidade e arredores, trafegando os bondes e trens, até às 9

horas da noite, completamente cheios" (*Diário do Rio Grande*, 19 de julho de 1909: 6).

46) "Igreja do Bonfim" (p. 79).

Com a construção do cemitério do Bonfim (1843), também foi edificada uma pequena capela (ligada a Santa Casa). Os enterramentos persistiram até o esgotamento do espaço em 1855, durante a epidemia de cólera. O cemitério e a capela foram desativados. Devotos conseguiram a criação em 1º de setembro de 1866, da Irmandade do Senhor do Bonfim com o objetivo de construírem um novo espaço sagrado.

47) "Igreja do Bonfim" (p. 79).

Em 1873 a lei provincial nº 13 de 26 de março de 1873 aprovou o compromisso da Irmandade. Com as reformas na pequena capela tornarem-se demasiadamente tímidas, em sessão da Câmara Municipal de 24 de dezembro de 1885 foi lido o ofício da Irmandade pedindo "alinhamento e nivelamento para a nova Capela que ia construir e a respectiva licença para depositar os materiais e levantar andaimes na rua". Em 9 de dezembro de 1886 foi feita a benção e colocação da primeira pedra da nova capela. Em 5 de dezembro de 1887 a imagem do Senhor do Bonfim foi conduzida em procissão da antiga capela para a nova.

48) "Novo Matadouro Municipal, foi inaugurado em 1905" (p. 80).

Em 1 de janeiro de 1905 foi inaugurado o novo Matadouro Municipal, no lugar denominado "Volta da Praia". Uma linha de bonde, chamada de "Linha Matadouro", ligava o centro da cidade com esta área que era pouco ocupada. O prédio ainda existe e apresenta outras funcionalidades.

49) "Novo Matadouro Municipal, foi inaugurado em 1905" (p.80).

O Matadouro buscava resolver problemas de higiene e salubridade pública, pois, o mau cheiro era reclamação persistente pela localização destes estabelecimentos próximo ao centro urbano. Esta era uma área relativamente despovoada, e que era utilizada por algumas famílias como recreação e praia junto a Lagoa dos Patos: um pouco distante do Matadouro estava o Bosque, que era utilizado para o lazer de final-de-semana.

50) "Estação Central da Estrada de Ferro" (p.81).

A Estação Central foi inaugurada em dezembro de 1884. A Estrada de Ferro Rio Grande-Bagé (Southern Brazilian Rio Grande do Sul Railway Company), tinha por objetivo a ligação da Campanha Gaúcha (e sua riqueza fundada na pecuária) com o escoamento dos produtos pelo Porto do Rio Grande.

51) "Fundição de Máquinas à rua Pinto Lima junto ao mar. Propriedade do Sr. Capitão Augusto José Dias" (p.81).

A Fundição Dias atuava com vários serviços de fundição, mas ficou conhecida pelos reparos navais e construção de embarcações. Na Fundição Dias, Carlos da Silva Santos iniciou sua vida de operário e deixou relatos desta experiência em seus escritos. Carlos Santos se projetou nacionalmente como um militante da negritude e foi eleito deputado estadual e federal por várias magistraturas. Fotografia por volta de 1910.

52) "Casa Bromberg & Comp. Fundada em 1865" (p. 82).

Foi uma das mais importantes casas comerciais da cidade. Conforme MACHADO (2018:85) a abertura de filiais (São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Salvador, Porto Alegre, Rio Grande, Pelotas, Uruguaiana, Santa Maria, Passo Fundo, Cachoeira) revela a vasta rede em que se transformou a Bromberg ao longo dos anos. A

extraordinária expansão dos negócios possibilitou aos gestores da firma ocupar posição de destaque entre os exportadores alemães voltados à América do Sul. A matriz que ficava em Hamburgo exportava para o Brasil todo tipo de material ferroso, o qual era endereçado, inicialmente, para a principal filial situada em Porto Alegre. Além do maquinário alemão (máquinas, motores, caldeiras e ferramentas para indústrias) que era vendido no Brasil, também ficaram conhecidos os "locomóveis", primeiros tratores agrícolas.

53) "Fábrica Rheingantz, fundada em 1874" (p.82).

Fundada em novembro de 1873, a Rheingantz foi uma empresa pioneira na produção de tecidos e panos de lã. A fábrica original funcionava nas proximidades da Praça Marcílio Dias nas esquinas das ruas Silva Paes com Barroso. Em 1885 inaugura suas novas instalações na Cidade Nova, atual av. Rheingantz, começando a edificação do complexo arquitetônico empresa/operariado. Além dos prédios de produção e administração, foi construída a Vila Operária para que os trabalhadores morassem junto à fábrica.

A empresa chegou a ter 1.200 operários, a maioria mulheres, e é considerada a primeira grande indústria do Rio Grande do Sul. Entrou em falência na década de 1960.

54) "Fábrica Ítalo-brasileira. Produção: riscados, brins, cassinetas, tecidos lavrados, chales, brins de linho" (p. 83).

Denominada pela população de *fábrica nova*, foi fundada por Giovanini Hesemberger em 1894, o qual transferiu a empresa para *Santo Bechi & Cia*, de Gênova. Sua fachada principal ocupava duas quadras com frente para a Av. Senador Corrêa, terminando na esquina da Rua 24 de Maio onde havia o palacete em que residia o diretor. A fábrica apresentava uma área construída de mais de 10.000 metros quadrados sendo desativada na década de 1950

sendo as instalações e o palacete demolidos. Restou a chaminé no interior do supermercado que atualmente ocupa aquela área. A indústria era especializada na fabricação de tecidos de algodão, recebendo de Pernambuco a matéria-prima. O algodão bruto era transformado em diversos tecidos, empregando mais de 600 operários e utilizando modernos equipamentos.

55) "Vista da Fábrica ao lado do Sul" (p.83).

Esta indústria têxtil fabricava brins, camisetas, panos para colchões etc. Em 1921, Paulo Ângelo Pernigotti, um de seus dirigentes, incorporou a empresa alterando a razão social para *Companhia de Tecelagem Ítalo-Brasileira*. No ano de 1942, nova mudança na razão social, para *Companhia Fiação e Tecelagem Rio Grande*, neste período tendo por dirigente Giuseppe Renato Pernigotti.

56) "Fábrica de Conservas dos Srs. Leal, Santos & Comp. Fundada em 1889" (p.84).

A Indústria Leal Santos foi fundada em Lisboa no ano de 1881, inaugurando uma fábrica em Rio Grande no ano de 1889. Seus fundadores foram Francisco Marques Leal Pancada, José Antônio Santos e Moysés Marcondes. Fabricava enlatados com peixes, carnes, caças, frutas e legumes. A fábrica em Rio Grande tinha três caldeiras e dois motores de 120 cavalos vapor, além de inúmeras máquinas. Com a forte concorrência do centro do país, a fabricação de bolachas foi encerrada na segunda metade do século XX, pois, somente o mercado regional não absorvia a produção. As latas de bolacha eram verdadeiras obras-primas produzidas na própria empresa.

57) "Fábrica de Estamparia" (p.84).

Os "biscoitos" da Leal Santos tinham embalagens com rótulos multicoloridos e havia um setor de latoaria e estamparia na própria fábrica. As latas eram feitas na própria fábrica utilizando a "litographia". A publicidade, de ótima qualidade, vinha de Paris.

58) "Fábrica de biscoitos dos srs. Leal, Santos & Comp." (p.85).

No ano de 1906 ocorreu o desligamento da matriz portuguesa. Na década de 1910 cerca de 600 funcionários trabalhavam na fábrica que produzia bolachas com equipamentos que eram os mais modernos do Brasil naquele período.

59) "Interior da Fábrica de biscoitos" (p.85).

Em 1906, teve início a produção de biscoitos e bolachas que se tornaram conhecidos em grande parte do Brasil. O poeta Carlos Drummond de Andrade deixou registrado por escrito o prazer com que saboreava os biscoitos que chegavam até sua cidade no interior de Minas Gerais. As latas traziam histórias infantis coloridas, o que aumentava a vontade de Drummond em abrir a lata. Uma curiosidade em relação a uma linha mais popular da Leal Santos foi o lançamento da bolacha "Maria" que depois foi copiada por outros fabricantes brasileiros.

60) "Moinho Rio-Grandense, foi fundado em 1893" (p.86).

A Companhia Moinho Rio-Grandense foi adquirida, em 1903, pelo comendador Albino José da Cunha. A fábrica de moagem de farinha teve seu maquinismo a vapor montado por E.R.&F. Turner. O prédio tinha quatro andares e suas ruínas ainda constituem um dos "frishes industriales" da cidade. A farinha era importada da Argentina e em 24 horas, a capacidade era de moer 800 sacos.

61) "Fábrica de Fósforos à rua Yatahy" (p.86).

Na rua Yatahy nº 83 estava estabelecida a Fábrica de Fósforos Perez propriedade de um empresário espanhol. A Fábrica funcionou até aproximadamente 1920. Em 1924, neste local se estabeleceu a Fábrica Amaral, Perez e Cia, que produzia os Fogões Perez.

62) "Intendência Conservatoria das obras do Porto" (p. 87).

Prédio que foi utilizado pelo Governo Federal quando das primeiras iniciativas em construir os Molhes da Barra do Rio Grande nos primórdios dos anos 1890. Posteriormente, a partir de 1908, aí foi a sede da Companhia Francesa do Porto do Rio Grande responsável pela construção dos Molhes da Barra e do Porto Novo. Atualmente, o prédio é ocupado pela Polícia Federal. 63) "Oficinas mecânicas" (p.87).

O prédio também sediou o canteiro de obras para concertos mecânicos da aparelhagem utilizada na construção de uma das maiores obras mundiais de engenharia hidráulica dos primórdios do século XX. 64) "Cassino, praia de banhos" (p.88).

A história do Balneário Cassino remonta ao século XIX e representou uma série de inovações administrativas, comportamentais e de infraestrutura no contexto das aspirações de elites provinciais em reproduzir os hábitos burgueses da Europa no extremo sul do Brasil. A proposta surge em 1885, associado à ligação deste balneário com a cidade do Rio Grande através de uma via férrea. A inauguração oficial do Balneário deu-se com a abertura do tráfego ferroviário em 20 de janeiro de 1890 e com o transporte de passageiros no dia 26 do mesmo mês.

65) "Praia de banhos, aspecto das barracas" (p.88).

Uma publicação da empresa responsável pela administração do Cassino editou em 1890, o "Guia dos Banhistas" com as orientações de como aproveitar das comodidades do espaço praial e dos banhos de mar. Também esclareceu da infraestrutura sofisticada, junto ao beira-mar, para troca de roupas e a manutenção da

privacidade. As barracas eram uma destas comodidades para as famílias aproveitarem para reativarem a saúde com os banhos terapêuticos. Em Portugal foi publicado um "Guia dos Banhistas" (Ramalho Ortigão - 1876) sendo uma fonte de inspiração para a publicação sobre o Cassino.

"Existem na praia 100 camarotes de um lado destinados às senhoras e 100 do outro lado aos homens, e mais 50 barracas para famílias, a cargo de pessoal distinto. As barracas, só serão ocupadas pelos arrendatários e suas famílias. Não há camarotes reservados e cada banhista se servirá do que encontrar desocupado na respectiva seção, deixando-o assim que tenha concluído de vestir-se para não prejudicar as pessoas que esteja à espera. As roupas do banho serão entregues e recebidas da pessoa encarregada do seu cuidado, que as terá em estantes com divisões numeradas, mediante o pagamento antecipado de 3\$000 por mês (pela lavagem e guarda) ou 200 réis de cada roupa. Os Srs. Banhistas terão ingresso nos camarotes desocupados, entregando ao encarregado que estiver à entrada o seu cartão, e devendo rigorosamente respeitar os camarotes ocupados" (Regulamento Geral da Estação Balnear Vila Sequeira- Hotel Casino, 1891).

66) "Cassino, praia de banhos" (p. 89).

Na fotografia o Hotel Cassino com 136 quartos, 8 lojas, salão de jantar, banheiros, *water clossets*, todas elas circundadas por varandas cobertas. Construído a partir de 1890 e sofrendo ampliações, ficava nas imediações da Estação em que chegava o trem.

67) "Salão de baile e teatro" (p.89).

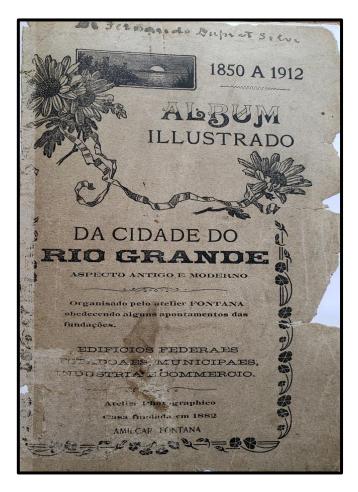
O salão bailante tinha um piano e palco para apresentações artísticas e peças teatrais. Foram projetados filmes e outras atrações aos veranistas. Festas de carnaval, Ano Novo e bailes eram atrações compartilhadas pela elite local que frequentava o balneário durante a temporada. 68) "Pontal da Barra, construção da estacada" (p. 90).

Estruturas relacionadas com a construção, pela Companhia Francesa do Porto do Rio Grande, do Molhe Leste no município de São José do Norte. As obras se estenderam entre 1910 e 1915.

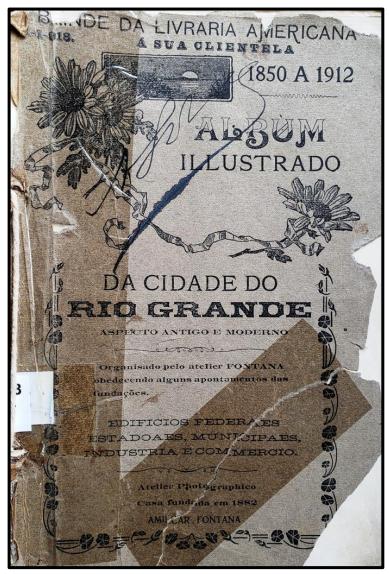
69) "Movimento das dragagens do canal" (p. 90).

O assoreamento sempre foi o maior problema do canal de acesso ao espaço portuário do Rio Grande. Neste período da fotografia, a Companhia Francesa buscará uma solução de maior longevidade para o baixo calado e as mudanças no canal de acesso. A construção de dois molhes com cerca de 4 km cada um, possibilitaria a manutenção de um calado de 10 metros de profundidade garantindo a segurança da navegação. Isto foi obtido em 1915, porém, as dragagens permanecem necessárias e são sistematicamente realizadas até o presente.

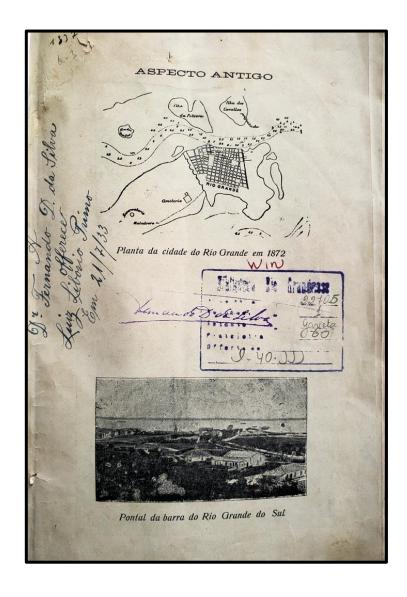


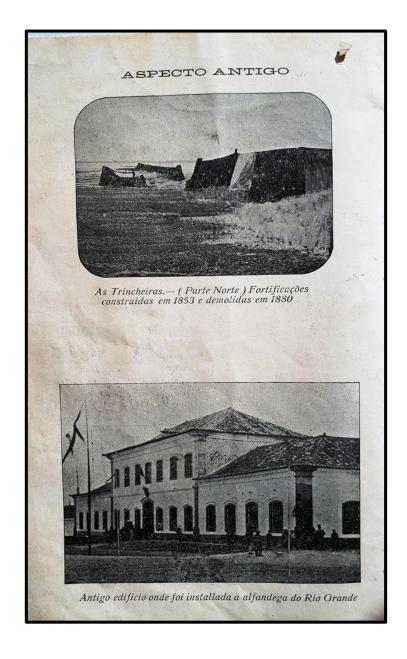


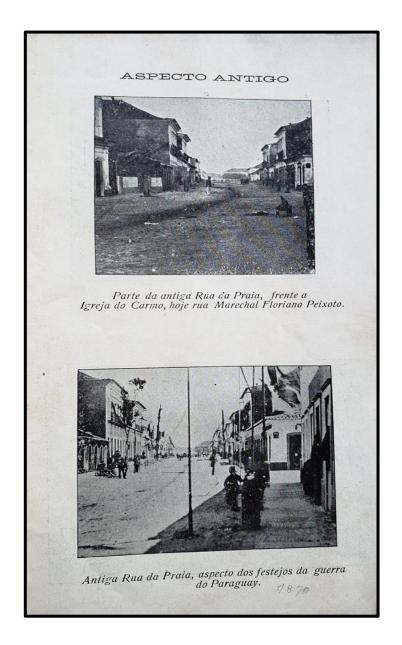
Edição de 1912.

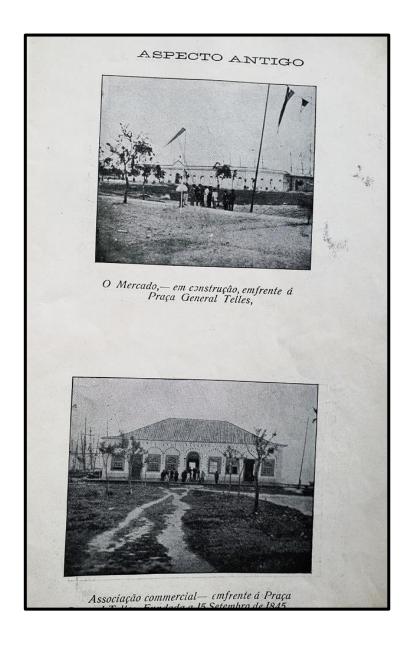


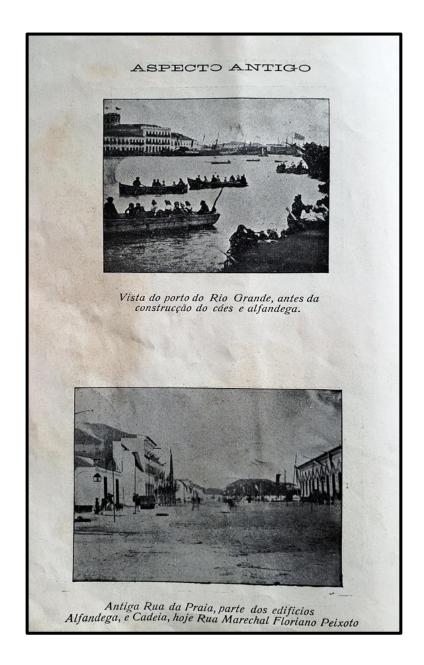
Edição da Livraria Americana de 1918.



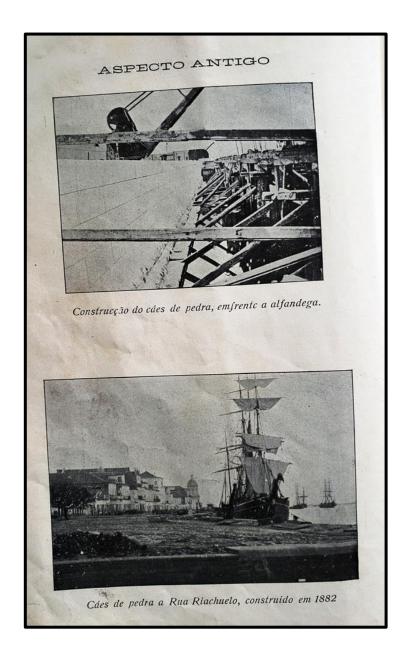


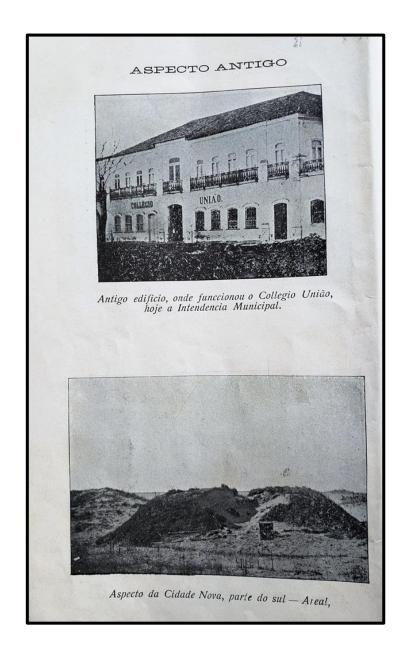


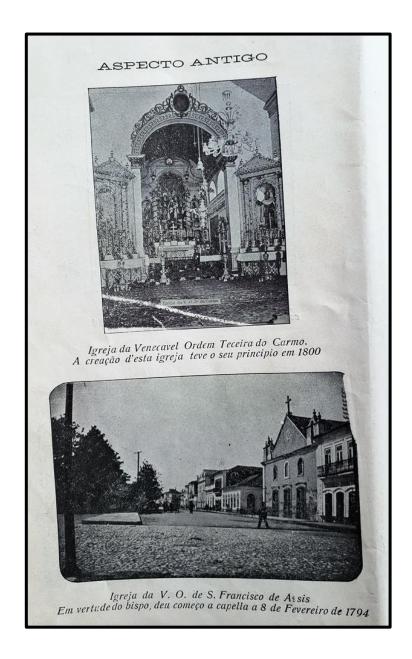




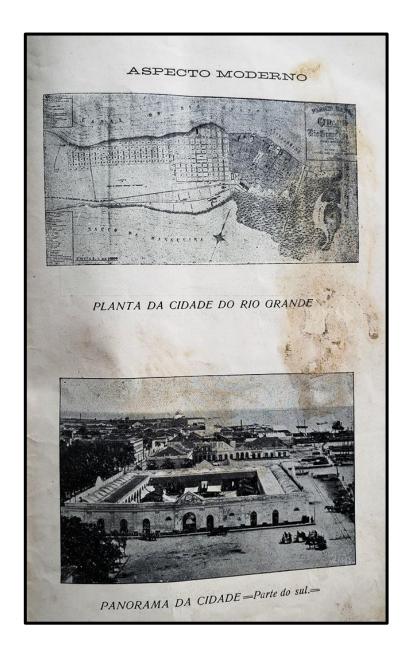
ASPECTO ANTIGO Antigo canallete a Rua Barrozo, e a Estação Marittima A Draga 15 de Novembro fazendo o aterro no canallete.

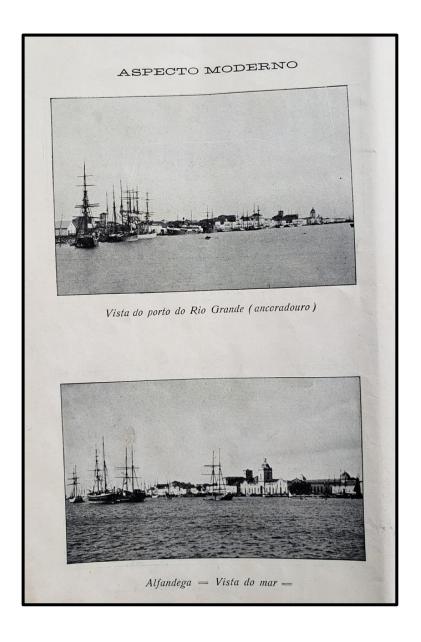


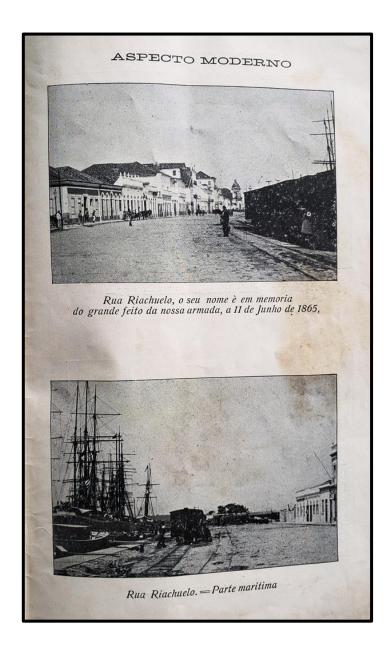




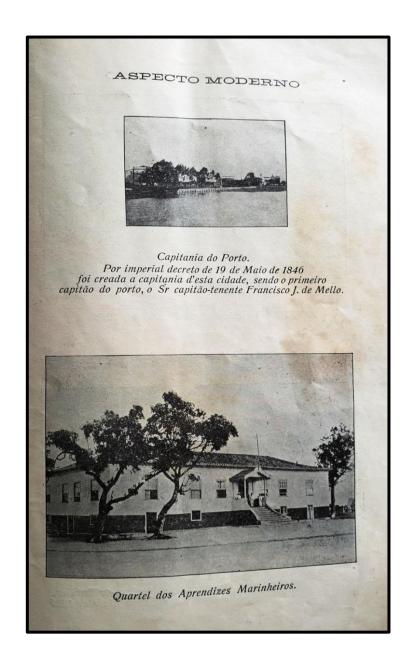
ASPECTO ANTIGO A igreja Matriz sita a praça Dr. Pio, foi collocada a pedra a 25 de Agosto de 1754 Hospital Benificencia Portugueza Esta associação foi instituida em 1856

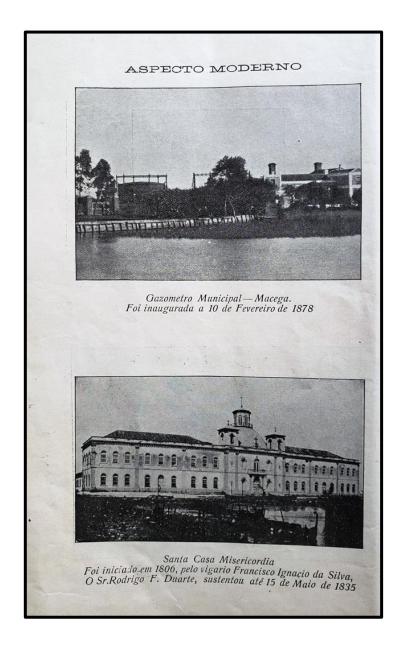






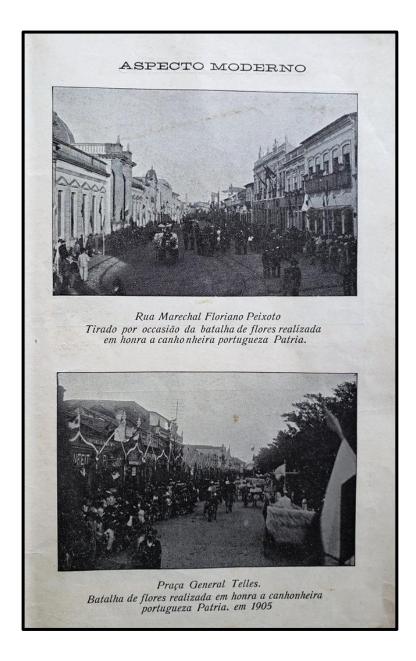
ASPECTO MODERNO Alfandega — visto do mar, contruida em 1879 — Doca-Mercado=Visto do mar.

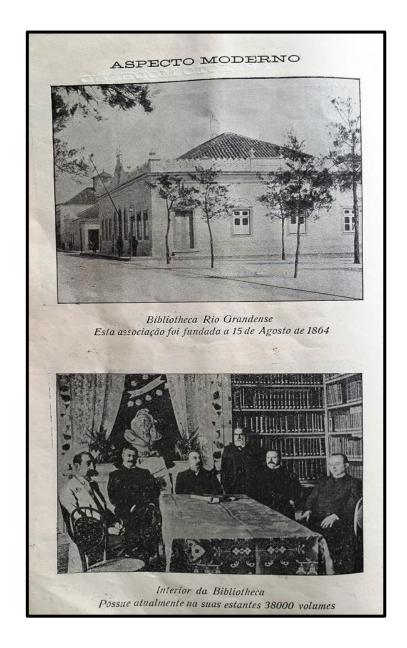


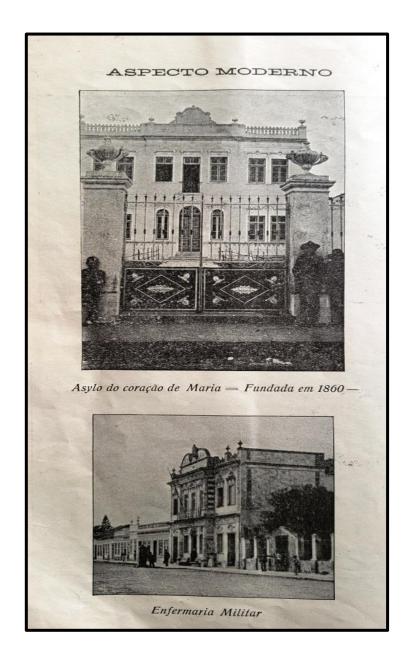


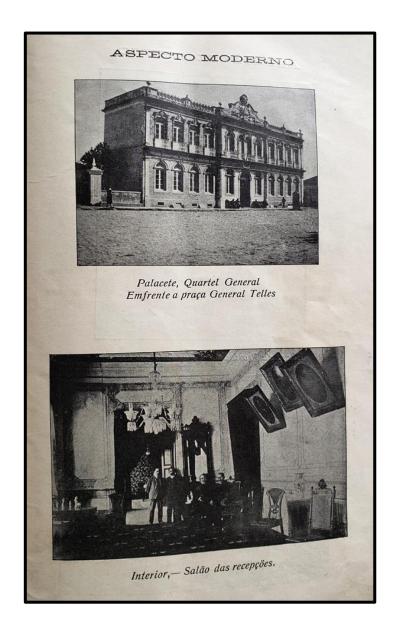


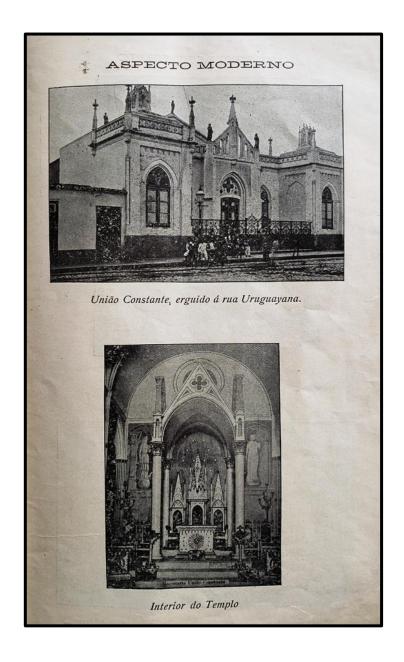
ASPECTO MODERNO Rua General Ozorio, edificios do Correio = Praça do Commercio. intender.cia Municipal Foi elevado o Rio Grande a categoria de villa a 27 de Abril de 1810 A installação da municipalidade foi a 12 de Fevereiro de 1811, e por decreto de 27 Junho de 1835, elevou-a á categoria de cidade.

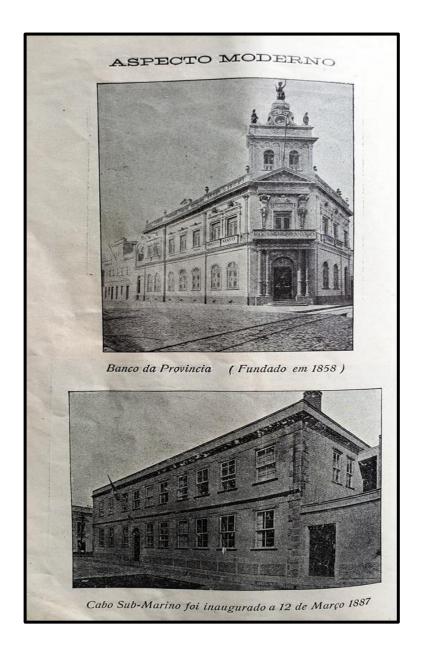


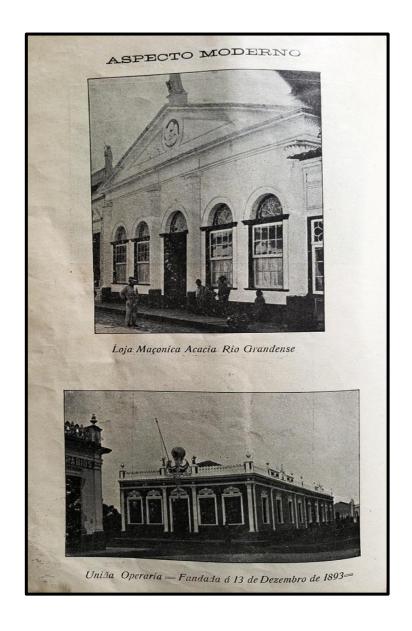




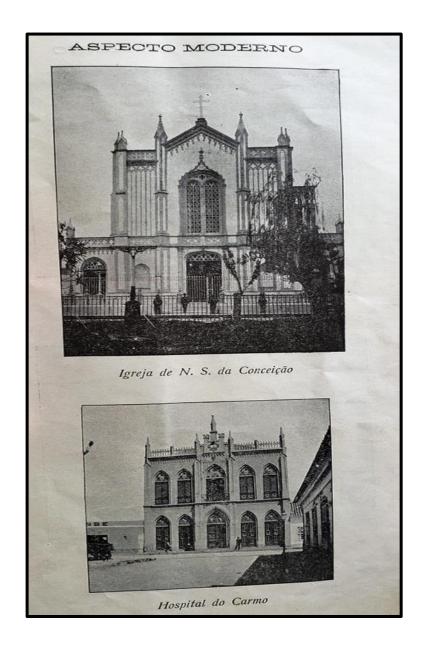


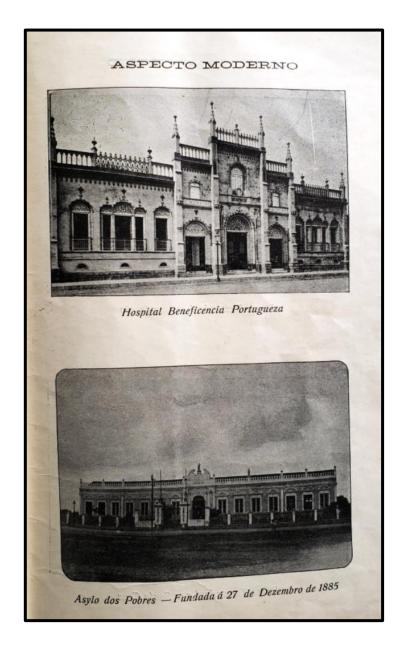


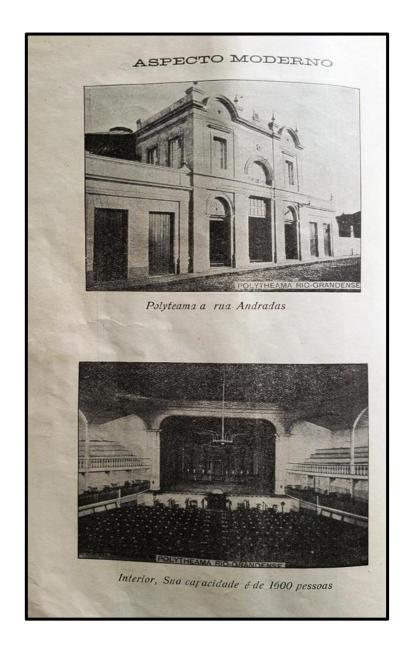


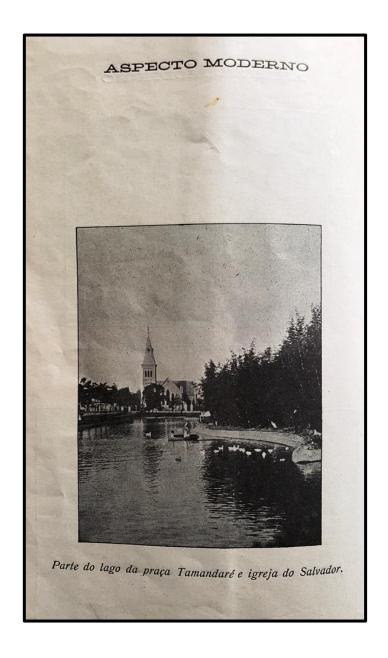


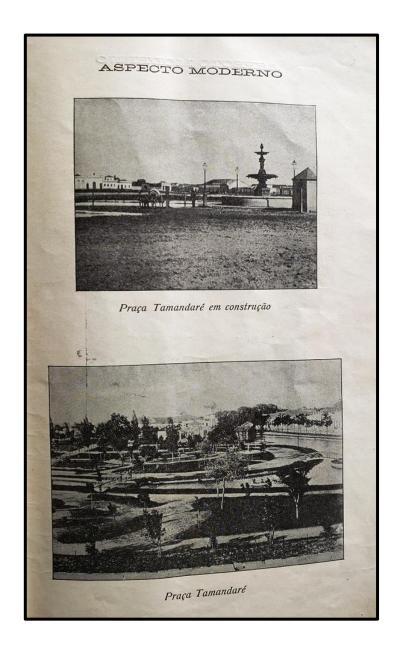
ASPECTO MODERNO THE THE THE Associação dos empregados do Commercio Sociedade italiana Mutua Cooperazione

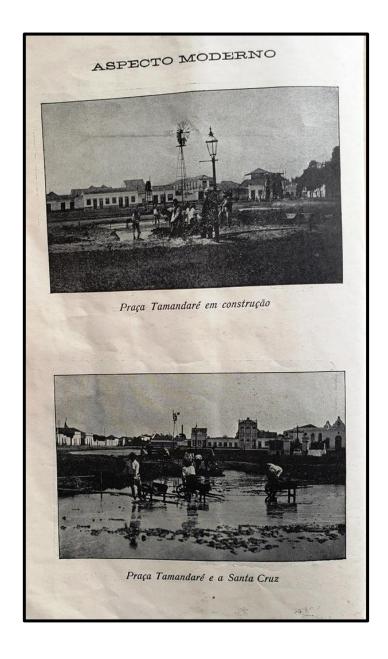


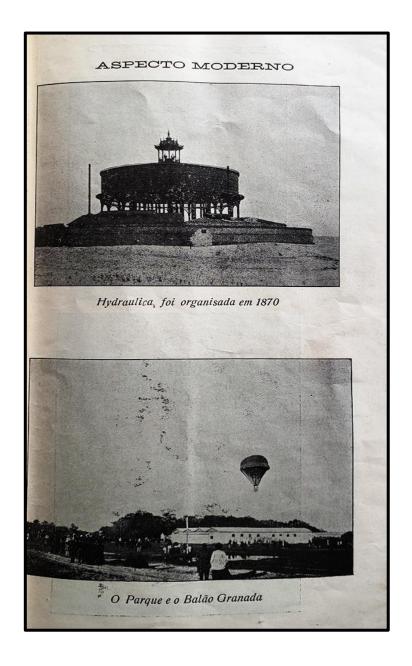


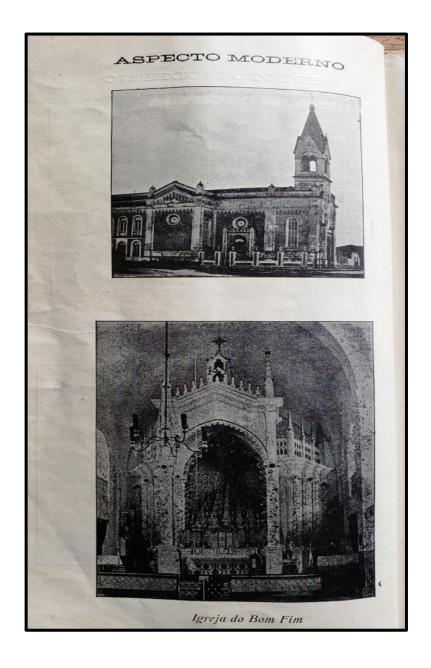


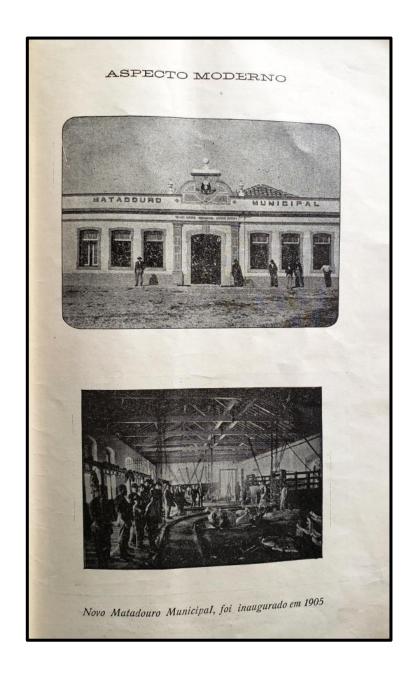


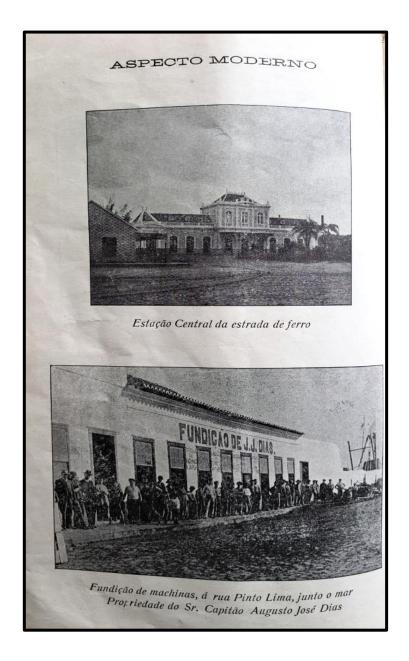


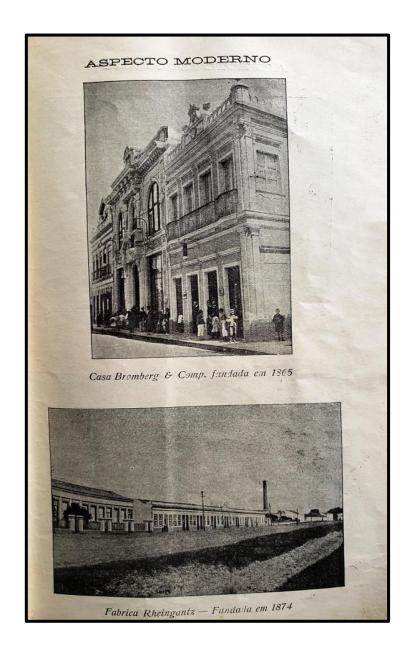


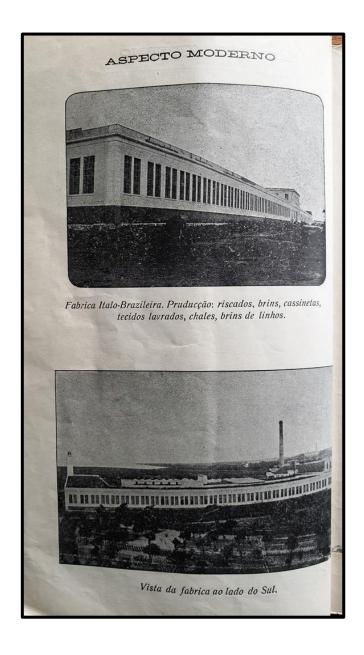


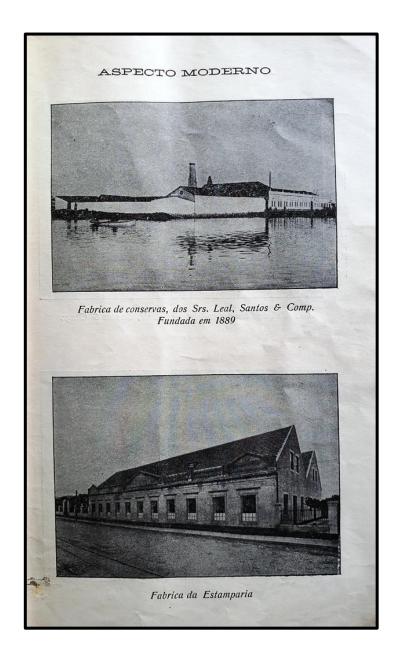




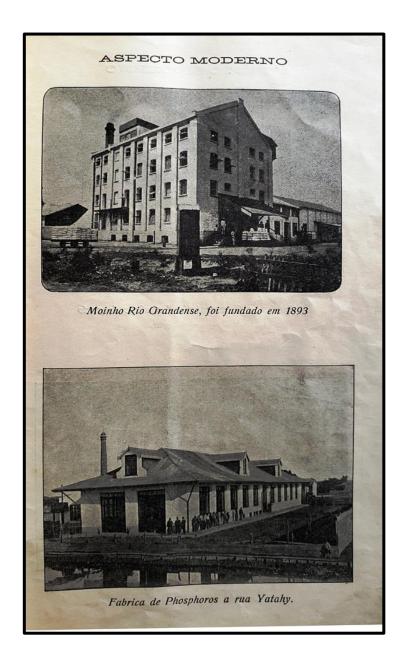




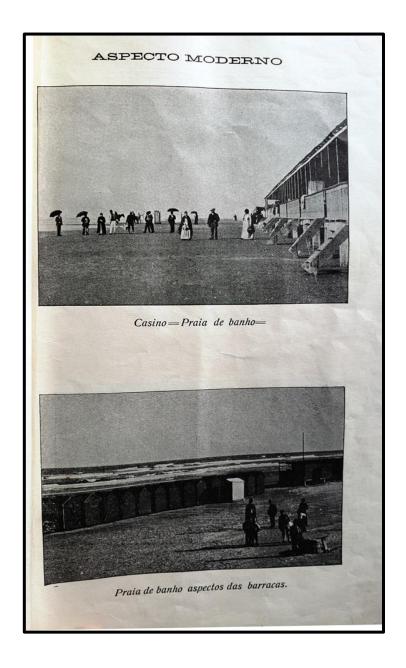


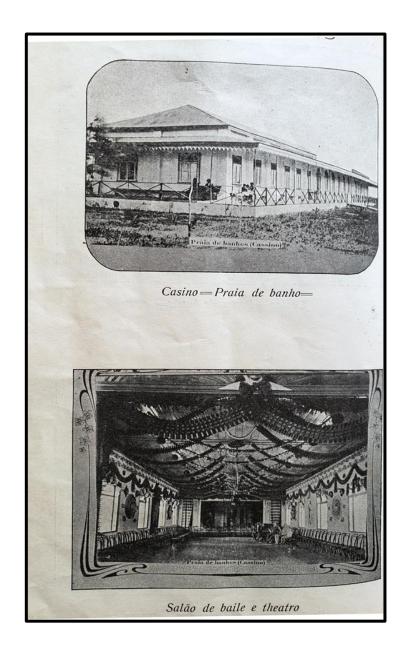


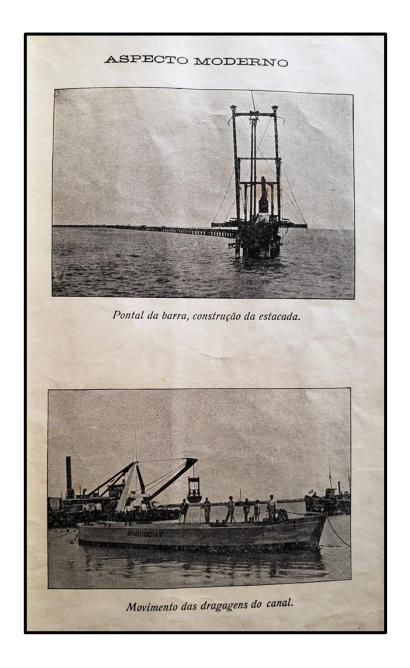












Referências Bibliográficas

ARAÚJO, Nilton Clóvis Machado de. Origens e evolução espacial da indústria de alimentos do Rio Grande do Sul. *Anais do Encontro de Economia Gaúcha*. Porto Alegre: PUC/FACE, 1, 2002.

BROMBERG & Co., Hamburg. Retrospecto 1863 – 1913. Álbum Comemorativo aos 50 anos das casas Bromberg. Porto Alegre: Bromberg & Cia., 1913.

Diário do Rio Grande. Rio Grande: 19 de julho de 1909.

DORATIOTO, Francisco Fernando Monteoliva. *Maldita Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

FONTANA, Amílcar. *Rio Grande do Sul*: Revista Ilustrada de Literatura, Ciência e Arte. Acompanhada com apontamentos Históricos, Topográficos, Descritivos, Comerciais e Industriais da cidade do Rio Grande e seu progresso até a presente data. Rio Grande: Atelier Fontana, 1910-1911, n. 1 a 7.

Álbum Ilustrado da Cidade do Rio Grande: aspecto antigo e moderno. Rio Grande: Ateliê Fontana, 1912.
; Álbum Ilustrado da Cidade do Rio Grande: aspecto antigo e moderno. Rio Grande: Livraria Americana, 1918.

FONTOURA, Edgar. Sinopse da História do Rio Grande. Rio Grande: Edfurg, 1987.

GARCIA, Sheila Fernández. *O homem maldito*, o início do romance Sul-Rio-Grandense. *Mafuá*. Florianópolis, ano 8, n. 13, março 2010.

GUIA DOS BANHISTAS. Informações sobre a praia de banhos na Villa Sequeira, fundada em 1888. Propriedade da Companhia Estrada Ferro Rio Grande-Costa do Mar. Rio Grande, Tipografia da Livraria Rio-Grandense, 1890.

LAGO, Bia Corrêa do; LAGO, Pedro Corrêa do. *Coleção Princesa Isabel: fotografia do século XIX*. Rio de Janeiro: Capivara, 2008.

MACHADO, Janete Rocha. Empreendedorismo Teuto-Rio-Grandense: o caso das empresas Bromberg & Cia. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: IHGRGS, n. 155, p. 77-104, dezembro de 2018.

MARTINS, Solismar Fraga e PIMENTA, Margareth. A constituição espacial de uma cidade portuária através dos ciclos produtivos industriais: o caso do município do Rio Grande (1870-1970) In: *Revista Brasileira Estudos Urbanos e Regionais.* v. 6, n.1, p. 85-100, 2004.

PIMENTEL, Fortunato. Aspectos Gerais do Município do Rio Grande. Porto Alegre: Imprensa Oficial, 1944.

Regulamento Geral da Estação Balnear Vila Sequeira- Hotel Casino. Rio Grande: Tipografia do Rio Grande do Sul, Reis, Bastos & C., 1891.

RODRIGUES, Marcelo Santos. Retirada das tropas aliadas e os festejos pelo fim da Guerra do Paraguai no Brasil e na Argentina (1869-1870). *Anais do XI Encontro Internacional da ANPHLAC*. Niterói-Rio de Janeiro: ANPHLAC, 2014.

SCHMIDT, Benito Bisso. A Diretora dos Espíritos da Classe: a 'Sociedade União Operária' de Rio Grande (1893-1911). *Caderno AEL*, v.6, n.10/11, 1999.

TORRES, Luiz Henrique. *Balneário Cassino*: o nascimento do banho de mar planificado no Brasil. Rio Grande: Furg, 2009.

_____. História do Município do Rio Grande. Rio Grande: Pluscom, 2015.



A Cátedra Infante Dom Henrique para os Estudos Insulares Atlânticos e a Globalização e a Biblioteca Rio-Grandense reuniram esforços para editar a Coleção Rio-Grandense. Mais meridional unidade político-administrativa brasileira, o Rio Grande do Sul, tem uma formação prenhe em peculiaridades em relação às demais regiões do Brasil, estabelecendo-se uma sociedade original em vários de seus fundamentos. Da época colonial à contemporaneidade, a terra e a gente sul-rio-grandense foram edificadas a partir da indelével posição fronteiriça, resultando em verdadeira amálgama entre os condicionantes luso-brasileiros e platinos. A Coleção Rio-Grandense tem por intento fundamental a divulgação da produção intelectual acerca de variadas temáticas versando sobre o Rio Grande do Sul, com preferência para as abordagens de natureza cultural, histórica e literária.





